

EDITORIAL

A semiótica – costumava dizer A. J. Greimas nos seus últimos anos de vida – assemelha-se a um trem: a locomotiva segue, sem maquinista, e, nas diversas estações, muitos sobem e outros tantos descem. Essa era a forma bem-humorada de o mestre lituano expressar a autonomia e a diversidade do projeto semiótico, que, desde então, segue seu curso. Neste número dos CASA, o comboio da semiótica nos dá provas de grande vigor e velocidade, assim como os seus passageiros, os semioticistas.

Em “La valeur pour une sémiotique des pratiques”, Pierluigi Basso Fossali empreende uma verdadeira exploração arqueológica sobre a noção de valor dentro e fora da semiótica, para, por fim, reclamar seu complexo estatuto semiótico: valor como pura e simples diferença, valor como elemento diferenciador, valor como medida da diferença e valor como transposição das diferenças. Para Basso, a diferença, estando no centro do valor, em todos os seus níveis (perceptivo, axiológico, narrativo e figurativo), deve ser gerida por uma semiótica das práticas.

Nos mesmos trilhos de quem desafia a teoria e máquina ligeiro, está Ana Cristina Fricke Matte, que, em seu “Esquema de comunicação sob olhares da semiótica e da tecnologia adaptativa”, propõe utilizar a semiótica para compreender a interação homem-máquina, segundo um “esquema adaptativo” para a comunicação. Em seu artigo, Matte parte do pressuposto de que somente uma concepção genuinamente semiótica do processo de comunicação, que trate da interação dinâmica entre destinador e destinatário, pode compreender a complexidade que subjaz às identidades que interagem em um bate-papo.

Do mesmo modo, buscando otimizar o processo comunicacional à luz da semiótica, esta de origem peirciana, Eunice Almeida da Silva e Anderson Vinícius Romanini, em “A formação do profissional da saúde na perspectiva da semiótica”, procuram contribuir para a formação do profissional da saúde com uma metodologia de inspiração semiótica que o ensine a ouvir o paciente em toda a sua plenitude sensível. Para tanto, as tricotomias semióticas oferecem modos (diagramas) para organizar e depurar o juízo, em busca do objeto mais preciso da referência, que se não é único e certo, ao menos diz respeito ao que o paciente tem de mais próprio: sua forma de ser e viver a experiência do cuidado e do tratamento.

Como era de se esperar no trem da semiótica, o vagão da literatura tem lugar de honra. Em “O metadiscorso literário em ‘Um conto obscuro’ de Sérgio Sant’Anna: uma abordagem semiótica”, de Renata Cristina Duarte e Vera Lucia Rodella Abriata, são os procedimentos metalinguísticos que estão em jogo na obra do original autor brasileiro, que tece sua prosa em torno da própria experiência literária, explicando ao narratário o que seria afinal um “conto obscuro”, ao mesmo tempo em que conta seu conto. Valendo-se de mecanismos bem distantes da labiríntica autoficção de Sant’Anna, mas que produzem efeitos igualmente contundentes no enunciatário, temos o atemporal Victor Hugo, cuja poesia “romântica” é analisada em “De la colère à la soumission dans *Les Contemplations* de Victor Hugo”, de Amir Biglari. Nas *Contemplações* de Hugo, Biglari vai descrever o percurso de um sujeito apaixonado que, pouco a pouco, vê sua cólera intensa e tônica converter-se em submissão extensa e átona.

Ainda perto das caldeiras do fenômeno literário, e de modo algum na classe segunda ou econômica, encontramos os romances policiais que Fernanda Massi analisa em “Os

‘detetives’ dos romances policiais místico-religiosos”. Com o objetivo de descrever esses pitorescos “detetives”, Massi empreende uma investigação sobre suas motivações e performances, que os distinguem dos detetives tradicionais, devido à sua ênfase na fidedelidade.

Nas fileiras do romance policial, pelo modo como procura fidelizar as grandes audiências, passamos à conhecida série *Game of Thrones*, que é objeto do artigo “As paixões e as formas de vida de Daenerys Targaryen em *Game of Thrones*”, de Kélica Andréa Campos de Souza e Naiá Sadi Câmara. Nesse trabalho, acompanharemos as peripécias do percurso passional e vivencial – terreno das formas de vida – de Daenerys Targaryen, jovem herdeira da Casa de Targaryen e uma das personagens-chave da série, que vai da obstinação à benevolência.

Na sequência, no longo e sempre envolvente vagão da comunicação midiática, temos as contribuições de Luciana Salazar Salgado e Joana Brás Varanda Marques, em “Divulgação científica e *éthos* discursivo: a criação do ‘Planeta Azul’”, e de Záira Bomfante dos Santos e Sônia Maria Oliveira Pimenta em “Da semiótica social à multimodalidade: a orquestração de significados”. No primeiro trabalho, observamos de perto a fabricação discursiva do “Planeta Azul” na divulgação científica, epicentro de uma cenografia eivada de formações imaginárias que se confundem com as demandas do homem contemporâneo em abarcar e em ressignificar o mundo que o cerca. No segundo, Santos e Pimenta conduzem uma análise que procura compreender o modo como a revista *Boa Forma* constrói a competência do ator Gisele Bündchen, apresentado, no texto verbal e no texto visual, como um modelo de mulher baseado em uma dimensão material (nutricional, corpórea, experiencial) semioticamente projetada.

Por fim, chegamos à derradeira parada na qual se detém

a locomotiva semiótica neste número dos CASA: a estação das resenhas, composta pelas contribuições de Francisco Elias Simão Merçon, Matheus Nogueira Schwartzmann e Ricardo Lopes Leite, que se ocupam, respectivamente, da leitura crítica da tradução de *A busca do sentido: a linguagem em questão* (Martins Fontes, 2013, tradução brasileira de Dilson Ferreira da Cruz), de Jean-Claude Coquet; da coletânea *Linguagens na cibercultura* (Estação das Letras e das Cores, 2013), organizada por Lucia Teixeira e José Roberto do Carmo Jr.; e da obra *A identidade de um percurso e o percurso de uma identidade: um estudo semiótico das canções do Pessoal do Ceará* (Edições UFC, 2012), de José Américo Bezerra Saraiva.

Semioticistas, como passageiros. Córpus, notas e referências, como vagão-restaurante. Descrições e análises, como poltronas e paisagens. As relações entre ler e viajar transcendem as simples aproximações e o gosto duvidoso das comparações pretensamente inspiradas. Trem-bala ou trem-fantasma, o comboio da semiótica, nos moldes da metáfora greimasiana, segue viagem conhecimento adentro.

Jean Cristtus Portela

Araraquara, dezembro de 2014.